A Gaiuota

não des-
: na tua

rar aver-
Deus de
:m tal fi-
diz o Se-
o vosso

Senhor
issestes :
, moles-
, que faz
ıs do Se-
ıdaveis ;
ogo esse

e eu me tornarei para vós, diz o Senhor dos exercitos: E dissestes : Como nos tornaremos nós ?
8 Será bem que um homem crave a Deus, porque vós outros me cravaes ? E dissestes : Em que te cravámos nós ? Nos dizimos e nas primicias.
9 Portanto vós fostes amaldiçoados com a penuria, e vós, toda a nação, me cravaes.
10 Levae todos os vossos dizimos ao meu celleiro, e haja mantimento na minha casa, e depois d'isto fazei prova de mim, diz o Senhor, se não vos abrir eu as cataractas do céu, e se não derramar eu a minha benção sobre vós em abundancia.
11 E para vos fazer beneficio. incre-

MALAQUIAS 2, 3

OUTUBRO DE 1950

A ABELHA

Humberto de Campos

Para que a abelha, nossa irmã, produza
Mel saboroso que, entre cêras, vaza,
Há muita gente precavida que usa
Plantar roseiras em redor da casa.

E é por isso, mortal, que a minha Musa,
Que, a te servir, por êste sol se abrasa,
Só te oferece do cortiço e da asa
Um mel ou um pólen, que te amarga e acusa.

Não te queixes, portanto, se algum travo
Achares, sempre que um zumbido acene
A apressada fatura de algum favo.

O próprio inseto amolda-se ao subôrno:
Se não queres que a abelha te envenene
Não plantes mandrágoras em tôrno!...

A CAPA

Se fôssemos totalmente unidos, guardando a lei do sacrifício em pagar os nossos dízimos, como nos tem sido ensinado, atualmente, teríamos o suficiente para construir nossas Capelas e nossas escolas de aprendizagem. Falhando nisto, estamos na dependência do nosso próprio débito. Tôdas as cousas nos foram dadas pelo Senhor e o dízimo é pagamento delas. (Veja "Sejamos Um").

Órgão Oficial da Missão Brasileira da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

A Gaivota

Caixa Postal 862
Rua Itapeva, 378 São Paulo Tel. 3-6761

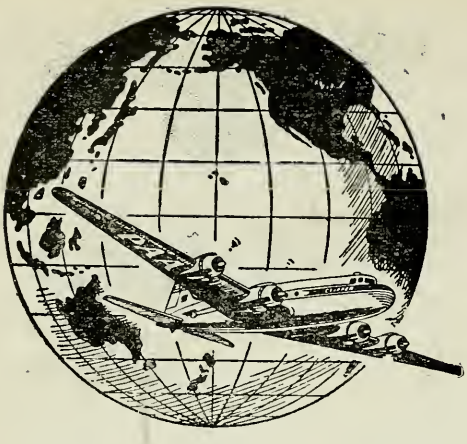
Ano III OUTUBRO DE 1950 N.º 10

INDICE

A ABELHA — *Humberto de Campos* ..... II Capa
A IGREJA NO MUNDO 186
EDITORIAL — *Presidente Rulon S. Howells* 187
HISTÓRIA CURTA DA IGREJA 188
SEJAMOS UM — *Elder Harold B. Lee* do quórum dos Doze 190
O JARDINEIRO E A GROSELHEIRA 192
FÉ SOB A BOMBA ATÔMICA — *Elder John A. Widstoe* do quórum dos Doze Apóstolos 194
MISSIONÁRIOS DO DISTRITO 200
O RUMO DOS RAMOS 202
NOVOS MISSIONÁRIOS ..... III Capa
A AVALANCHE E A CALÚNIA — *Agnes Franz* ..... IV Capa

A "A GAIVOTA" é publicada mensalmente no Brasil pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Preços das assinaturas: por cada exemplar, Cr$ 4,00; por ano, Cr$ 40,00; exterior, Cr$ 50,00. Tôda correspondência à Caixa Postal 862, São Paulo, S.P.

Diretor-Redator:
Claudio Martins dos Santos



A Igreja no Mundo

HINCKLEY, UTAH

Sabendo que uma nova família de convertidos da Dinamarca não pôde trazer consigo muitos de seus pertences, os membros da Paróquia de Hinckley, ofereceram à recém-chegada uma chuva de brindes e uma festa.

Deram-lhe colchas, cobertores, toalhas e muitos outros objetos de casa. Ao casal Svend Larsen, foi dado um programa pelo qual se confessou agradecido, pronunciando-se em dinamarquês e num inglês pouco fluente.

LONDRES, INGLATERRA

O prefeito de Nottingham, Inglaterra, recentemente, concedeu um certificado de bravura a um missionário da Igreja, por ter salvado um menino de 8 anos, das águas do rio Trent.

Trata-se do Elder Orden D. Lowder, de 21 anos de idade, residente em Caldwell, Idaho. Em "A GAIVOTA" de julho, demos um resumo dêsse acontecimento.

Levado à praia pelo Elder Lowder, o menino recebeu uma respiração artificial durante 15 minutos. Aproximadamente, um litro de água foi retirado de seus pulmões, e, quando a ambulância chegou, êle já havia recuperado os sentidos.

"Êste rapaz hoje vive" — afirma o companheiro do Elder Lowder, "graças à agilidade de raciocínio e à ação corajosa de um missionário."

MOSCOW, IDAHO

35% dos estudantes, recentemente graduados com "Distinção", na Universidade de Idaho, eram Santos dos Últimos Dias, embora êstes constituissem apenas cêrca de 10% do corpo de estudantes. E entre os 22 que receberam "Menção Honrosa", 8 eram Santos dos Últimos Dias.

HAWAÍ

O primeiro centenário da Missão Havaiana foi celebrado em agôsto último e contou com a presença do Presidente George Albert Smith. Essa missão teve início em dezembro de 1850, com a chegada de dez missionários que, três meses mais tarde, batizavam o primeiro membro. O Livro de Mórmon foi traduzido do inglês para o havaiano e em 1919, Hawai construiu o seu primeiro templo.

EDITORIAL

Tôdas as coisas dignas exigem esfôrço. Mas como somos todos criaturas de hábitos, temos grande dificuldade em fazer qualquer esfôrço para modificá-los. Antes de conhecermos o Evangelho de Jesus Cristo, tal como foi restaurado por intermédio de Joseph Smith, tínhamos vários hábitos em desacôrdo com o plano eterno que Deus nos traçou.

Muitos de nós, mesmo conhecendo êsse plano e sabendo o que devemos fazer, não temos coragem e ambição bastante para fazer um esfôrço e mudar alguns de nossos hábitos conforme o plano de Deus. E ainda esperamos receber bênçãos e para isso oramos diàriamente, com todo o fervor.

Sabemos que é melhor comer melado, mel ou açúcar prêto, em vez do altamente refinado açúcar branco. Sabemos que é melhor para nós comer o pão de farinha integral, em vez de pão branco, que é feito com a farinha branca, altamente refinada e da qual foram eliminadas tôdas as substâncias nutritivas.

Sabemos que é melhor beber cevada, água, leite ou qualquer outra bebida branda, em vez do café... e, conhecendo o Evangelho, sabemos que inúmeras outras coisas devemos fazer, porém vamos sempre adiando e deixando para começar amanhã.

Se não nos esforçarmos para viver de acôrdo com o plano, o Senhor não nos abençoará, por mais que oremos.

Sinceramente,

Rulon S. Howells

Presidente da Missão

HISTÓRIA CURTA DA IGREJA

Ao receber as placas de ouro, Joseph Smith guardou-as cuidadosamente, pois eram muitos os que procuravam tirá-las. Sendo difícil esconder o livro, êle procurou um lugar tranqüilo e deserto, onde pudesse traduzi-lo, encontrando uma mina espanhola perto de Harmony, Pensilvânia, onde se estabeleceu. Martin Harris, fazendeiro, interessando-se por êste trabalho religioso, deu, ao Profeta, 50 dólares para a viagem. Oliver Cowdery, professor, ouvindo falar sôbre as visões, decidiu visitar o profeta e com êle ficou trabalhando, como escrevente. E, assim, o Livro foi terminado em três meses. Martin Harris hipotecou a fazenda e, mais uma vez, ajudou, financeiramente, a publicar o Livro de Mórmon, que veio à luz em março de 1830.

5.a PARTE

Poucos trabalhos literários têm provocado, em qualquer época, tanta celeuma como o Livro de Mormon, devido, principalmente, à maneira pela qual êle chegou às nossas mãos. Como obra religiosa é única. Seu êxito decorre da resposta à pergunta: "é verdadeira a história da sua origem ou não?" Se não fôsse verdadeira, a estrutura do Mormonismo estaria baseada em fundamentos falsos; mas, verdadeira, como realmente é, torna-se a mais forte de tôdas as evidências físicas da autenticidade da história e dos ensinamentos de Joseph Smith.

Eis a razão por que algumas pessoas empregam grande parte do seu tempo procurando provar ser inverídica a história da origem do livro. Mas, por outro lado, aquêles que creem na sua origem divina procuram provar o contrário. Constituem os fatos essenciais dessa controvérsia, todos os problemas relativos à existência dos espíritos e dos anjos e o saber-se se Deus está interessado em revelar à humanidade os seus propósitos.

Faz-se mister, portanto, que aqui relatemos a história dêsse livro notável, as condições em que veio à luz, levando em consideração a interferência humana e a prova que possuimos de que a história do Profeta, é de origem verdadeira.

A história do Livro de Mormon por si só chama-nos a atenção por se tratar de coisa incomum.

No século VI A. C. viveu na cidade de Jerusalém uma família, cujo chefe, Lehi, era um dos profetas menores, apesar do seu nome não ser mencionado na Bíblia. Êste homem e sua família, juntamente com a família de Ishmael, ao todo umas vinte

Lehi saindo de Jerusalém

pessoas, deixaram a cidade Santa e, sob proteção divina, chegaram ao lugar hoje conhecido por América. Levaram consigo algumas placas de latão, que continham escrituras hebraicas, do tempo de Jeremias, um contemporâneo de Lehi.

Ao chegarem à "Terra Prometida" o grupo se dividiu. Uma parte seguiu com Nefi, o quarto filho de Lehi, também Profeta, e o resto aderiu ao filho mais velho, Laman, que sempre foi um rebelde de coração. No período de dois mil anos, com intervalos, os dois povos — Nefitas e Lamanitas — cada um ocupando uma parte do país, se guerrearam entre si, sendo os Lamanitas, quase sempre os agressores.

Como conseqüência da posse das escrituras e da proteção divina concedida por intermédio dos profetas, os Nefitas eram um povo civilizado e os Lamanitas, pela falta destas duas coisas, bárbaros. Os primeiros cultivaram as letras, a escrita e um sistema de educação social. Construiram casas de madeira e cimento. Cunharam prata e ouro, que usaram como dinheiro nas transações comerciais. Tinham um govêrno político e obedeciam a um juiz. Construiram templos e casas de adoração e tinham uma Igreja organizada.

Os Lamanitas, pelo contrário, não tinham registros, pois não sabiam ler nem escrever e não possuiam, de modo geral, literatura. Não construiam casas, não cultivavam campos nem jardins, e praticavam rituais os mais supersticiosos, comiam carne crua e os produtos de caça, pintavam seus corpos nus e eram geralmente um povo nômade. Desde a chegada dos Lehitas à Terra Prometida, até quase um quarto de século antes da era Cristã, êstes dois povos viveram separados.

Pouco tempo depois da ressurreição, Jesus Cristo visitou seu "outro rebanho", mencionado na Bíblia, no lugar hoje chamado Novo Mundo, en-

A raça castigada

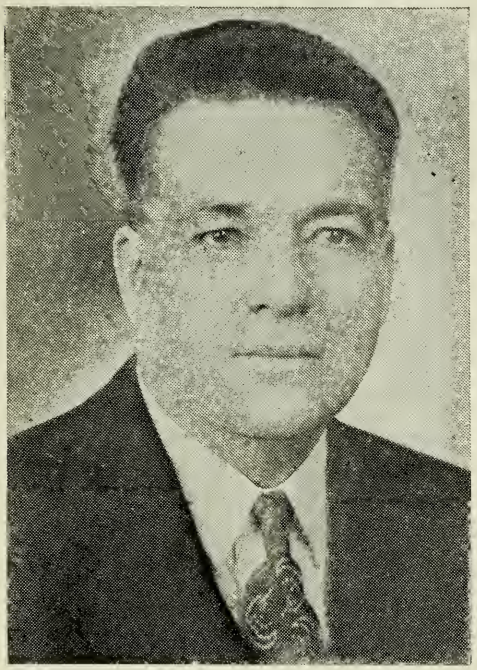
sinando-lhe as mesmas coisas que havia ensinado aos Judeus, na Palestina. Aqui porém encontrou melhor aceitação para a sua doutrina e um povo mais suscetível de compreeender a verdade. Organizou a Igreja, com apóstolos e profetas, graças e dons espirituais, exatamente como o fizera na Palestina. Êste foi o ponto culminante da história dos Lehitas. Durante 200 anos as duas nações formaram uma e, como os discípulos de Cristo, na Palestina, "possuiam tudo em comum."

Os Nefitas, ou a raça branca dêsse período da antiga América, haviam guardado a história dos seus feitos, como também a dos feitos dos seus vizinhos. Êste relato foi registrado em placas de ouro para que pudesse ser preservado e transmitido às gerações futuras. Ao chegar a época da separação das nações unidas, um dos profetas Nefitas, de nome Mormon, fêz um resumo da história, entregan-

(Conclui na pág. 199)

SEJAMOS UM

pelo *Elder Harold B. Lee*
(Um apóstolo da Igreja)



Elder Harold B. Lee

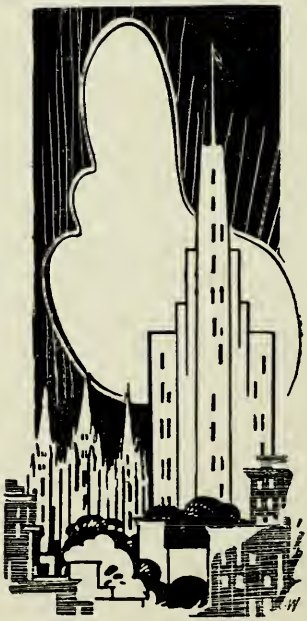
Como tenho meditado na importância da unidade e simplicidade dos Santos dos Últimos Dias, pensei em algumas bênçãos que poderíamos gozar se fôssemos unidos como uma só pessoa. Se fôssemos unidos, pagando nossas ofertas de jejum e observando essa lei plenamente como o Senhor instituiu, e se fôssemos unidos, seguindo os princípios do Plano do Bem-Estar como tem sido ministrado por nossos líderes de hoje, estaríamos livres da penúria e miséria e nos tornaríamos inteiramente capazes de olhar por nós mesmos.

Unidos, só poderíamos ser mal-sucedidos, se permitíssemos que nossas necessidades se tornassem penhor de políticos, nas praças públicas.

Se fôssemos inteiramente unidos como uma só pessoa em nosso trabalho missionário, ràpidamente chegaria o dia em que o Evangelho seria pregado a todos, dentro e fora dos limites das estacas organizadas de Sião. Se não nos unirmos, perderemos aquilo que tem sido nossa vida e que tem alimentado e estimulado nossa Igreja, por tôda uma geração.

Se fôssemos totalmente unidos, guardando a lei do sacrifício em pagar os nossos dízimos, como nos tem sido ensinado, atualmente, teríamos o suficiente para construir nossas Capelas e nossas escolas de aprendizagem. Falhando nisto, estamos na dependência do nosso próprio débito.

Se fôssemos unidos, mantendo nossos próprios jornais oficiais e revistas pertencentes e editadas pela Igre-



Capelas e escolas

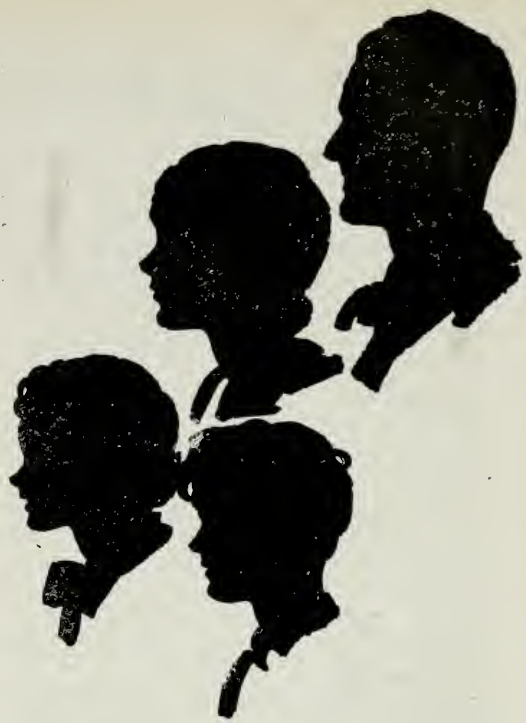
ja e para seus membros, haveria sempre nesta Igreja uma poderosa voz para o povo; mas a falha em nossa união contribui para que sejamos, nós mesmos, objetos do abuso, da calúnia e da má interpretação da nossa doutrina, sem uma voz adequada para a nossa defesa.

Se fôssemos unidos, protegendo nossa mocidade contra as associações promíscuas que encorajam os casamentos fora da Igreja e fora dos Templos, os quais têm sociabilidade e recreação para um povo unido — como têm sido a prática de nossos pioneiros, estaríamos edificando nos lares dos Santos dos Últimos Dias, uma construção sólida, reta e feliz. Nosso insucesso em não sermos unidos nestas coisas, decorre de não recebermos as bênçãos eternas que, tôdas, poderiam ser nossas.

Se fôssemos unidos, livrando a Igreja das falsas doutrinas e êrros e permanecendo como um vigia na tôrre, como os professôres e líderes estão observando a Igreja, não estaríamos satisfeitos apenas com os templos atuais mas teríamos trabalhado o suficiente para os templos que ainda estão para vir e assim, abriríamos as portas da oportunidade àqueles que virão que são os nossos semelhantes e, dêsse modo, nós mesmos nos tornaríamos salvadores dos Montes de Sião. Falharmos em nossa união, significaria a perpetuação de suas más conseqüências em todos os lares. Unidos, poderíamos multiplicar as bênçãos que poderiam vir para essa gente, se fôsse totalmente unida nos propósitos do Senhor.

A importância da união foi ressaltada e encarecida pelo nosso Mestre. Na sua grande e última oração vereis isto: "*Eu vou para Ti meu Pai Santo. Guarda em Teu nome aquêles que me deste para que sejam um, assim como nós.*"

Eu não rogo sòmente por êstes, mas também por aquêles que pela sua palavra hão de crer em Mim, para que todos sejam um, como Tu, ó Pai, o és



em Mim, e eu, em Ti; que também êles sejam um em nós para que o mundo creia que Tu Me enviaste." (São João 17:11, 20, 21.)

O resultado da união da Igreja foi manifestado pelo Senhor, tanto do ponto de vista positivo como do modo negativo conforme uma revelação no comêço de uma dispensação. O lado positivo da união dos Santos está aqui; é claramente expressa: "*Que o mundo possa saber.*" Possa saber o quê? — Êstes são a Igreja e o Reino de Deus na terra para que Jesus, o Cristo, foi enviado.

No mandamento em que o Mestre deu esta dispensação, Êle expressou novamente êste mesmo pensamento de um modo negativo: "*Sê um; se não fôres um, não és Meu.* (D&C 38: 37.)

Se não formos unidos, não somos dÊle. A união aqui representa uma prova do domínio divino expresso nêsses têrmos.

Se fôssemos unidos em amor, amizade e harmonia, esta Igreja conver-

(Continua na pág. 198)

O JARDINEIRO E A GROSELHEIRA

Ao amanhecer, um jovem jardineiro estava podando suas árvores e arbustos. Êle tinha uma groselheira escolhida que, crescendo depressa, se tornou muito frondosa. Imaginou êle que, por isso, ela produzisse pouco ou nenhum fruto.

Resolveu podá-la de tal modo que a deixou bem pequena. De fato, quando êle terminou, só ficaram tocos e raízes.

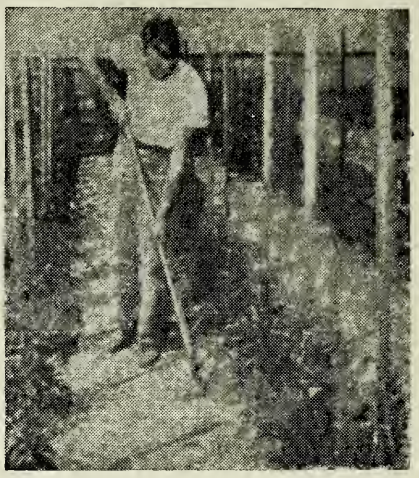
Carinhosamente olhou para o que ficara da planta, que parecia tão triste e magoada. Em cada tôco havia um corte onde o podador tinha cortado o primeiro brôto. A pobre planta parecia, em lágrimas, e êle pensava tê-la ouvido dizer-lhe:

—Oh! como pôde ser tão cruel para comigo — você que se diz meu amigo, que me plantou e de mim cuidou quando eu era pequenina, que me alimentou e me encorajou a crescer? Não viu que eu estava correspondendo ràpidamente aos seus cuidados? Estava quase da metade do tamanho das árvores do outro lado da cêrca e poderia logo ter-me tornado como uma delas. Mas, agora, você aparou meus ramos, as verdes e atrativas fôlhas foram-se, e eu estou envergonhada de estar entre as minhas companheiras.

O jovem jardineiro olhou para a groselheira lacrimosa e ouviu a sua alegação com compreensão e simpatia. Sua voz estava cheia de bondade quando êle disse:

—O que fiz era necessário para que você pudesse cumprir o seu destino. Não pretendia que desse sombra ou agasalho com os seus galhos. Meu propósito ao plantá-la foi para que você desse frutos. Quando quero groselhas, uma árvore, por maior que seja, não me pode satisfazer, se não tem êsses frutos.

Não, minha groselheirinha, se eu permitisse que você continuasse crescendo como começou, tôda a sua fôrça se teria transformado em madeira; suas raízes não teriam firmeza, e a finalidade com que eu a trouxe para o meu jardim teria falhado.



O seu lugar seria tomado por outra, porque você se tornaria estéril e eu a perderia do meu jardim. Não deve pois, chorar porque tudo isso é para o seu bem; no dia em que você vir as coisas mais claramente, quando estiver ricamente carregada de frutos, me agradecerá e dirá:—Com efeito, êle foi um jardineiro entendido e amável. Êle sabia o propósito da minha vida e eu lhe agradeço pelo que então fêz por mim e que pensei fôsse crueldade.

Dez anos mais tarde, êste jovem jardineiro estava numa terra estranha e também crescendo. Orgulhava-se da sua posição e tinha ambições a realizar. Seus companheiros eram homens populares e honestos que lhe comunicaram desejos, esperanças e que tinham grandes expectativas para o futuro.

Um dia surgiu inesperadamente uma vaga que lhe dava direito a promoção. O alvo que êle esperava atingir estava quase ao seu alcance. Or-

gulhava-se do rápido progresso que vinha fazendo.

Aconteceu, porém, que por razões que lhe eram desconhecidas, outro foi nomeado em seu lugar, sendo-lhe oferecida outra posição relativamente sem importância, o que, nas circunstâncias, contribuiu para que seus amigos julgassem que êle falhara.

O jovem, vacilando, encaminhou-se ao seu quarto, ajoelhou-se ao lado do seu leito e chorou. Pensou então que jamais pudesse atingir aquêle pôsto por que tanto ansiara e fêz a seguinte imprecação a Deus:

—Oh! como pudeste ser tão cruel para comigo? — Tu que alegas ser meu amigo. Tu que me trouxeste aqui, me nutriste e me encorajaste a crescer? Não viste que eu era quase igual aos outros homens que tanto tenho admirado? Agora, estou abatido e desonrado entre os meus companheiros. Oh! como pudeste fazer-me tal cousa?

Humilhado e com o coração a sangrar de amargura, pareceu ouvir de repente um eco do passado, que, em palavras familiares, ao ouvido lhe sussurrava:

—Eis-me aqui, sou o jardineiro.

Com a respiração prêsa — pensou na groselheira e perguntou: por que um incidente passado há tanto tempo lhe vinha à memória no momento de sua tragédia? E a memória respondeu-lhe com as mesmas palavras que êle havia proferido:

—Se eu permitisse que você continuasse crescendo como começou, a finalidade com que eu o trouxe para o meu jardim teria falhado. Não chore. Tudo isso é para o seu bem. No dia em que você vir as coisas mais

claramente, me agradecerá e dirá:— Com efeito, êle foi um jardineiro entendido e amável. Êle sabia a finalidade da minha vida e agradeço-lhe pelo que então fêz por mim e que pensei fôsse crueldade.

A amargura se dissipara do coração do jovem, quando êle humildemente voltando-se para Deus disse:

—Conheço-Te, agora, meu bom Deus, e posso suportar a poda e crescer como desejas que eu cresça; ajuda-me a tomar o meu lugar na vida e a dizer: "Seja feita a Tua vontade."

Assim também aconteceu no jardim chamado Getsemâni. O Pai conhecia a missão dAquêle que ali sofreu e sabia, também, que o Getsemâni conduzia ao Calvário, e com a Sua onisciência divina, Êle também sabia que o Calvário O levaria ao Trono de Deus.

O jardineiro permitiu o sofrimento porque êle sabia o fim desde o princípio. Êle ouviu o grito "passe de mim êste cálice" — um grito que é arrancado de cada um, algumas vêzes durante a vida. Todos os que juntam àquele grito as humildes palavras: "Seja feita a Tua vontade e não a minha", realizam a vida plena que foi prometida pelo Mestre.

Aquêles que perdem a confiança em si próprios, destróem também a fôrça, a fé e a confiança dos demais, deixando apenas um vazio semelhante ao desânimo. — Brigham Young.

FÉ SOB A B

As cinzas de Hiroshina e Nagasaki ressu
passado

Desde que a primeira bomba atômica foi lançada sôbre os desertos do novo México, começou uma nova era para a humanidade. Porque daí começou a libertação das fôrças com que o poder criador de Deus fêz o mundo material. Pela primeira vez a solidez da terra se abalaria aos nossos pés. Realizava-se um sonho aparentemente impossível.

Êste fato aconteceu precisamente quando uma onda de assassínios invadia a terra, a qual se chamou II Guerra Mundial. Aconteceu, quando os corações dos homens sangravam em conseqüência de longos anos de luta e sofrimento. A essa angústia se adicionava uma fôrça cujo horror é indescritível pelo seu poder de destruição, coisa que os homens não podem esquecer. As cinzas das cidades de Hiroshima e Nagasáki decorrências de labaredas de fogo, pareciam a verdadeira encarnação no espírito malévolo sôbre o mundo.

Ante o que pode resultar de desastroso dessa fôrça, paramos amedrontados, porque imaginamos nossas cidades e entes queridos arrasados por essa fôrça irresistível e impiedosa. Uma sombra de tristeza enubla o futuro. Um temor sem precedente embarga os passos dos povos, embora não haja pròpriamente o receio de um aniquilamento total. Ao que se sabe, até agora, só o urânio 235 pode ser transformado nessas fôrças imponderáveis, mas a energia que as pequenas quantidades existentes em reserva podem desprender, é suficiente para destruir a humanidade. Conforme já se disse, uma vez que o segrêdo da bomba atômica pode tornar-se comum, a importância dos exércitos e das armas desaparecerá. Aquêle que primeiro alcançar o inimigo em qualquer luta será o vencedor. Agora consideremos: pode semelhante poder ser concedido a uma humanidade irresponsável e banhada em sangue? A resposta a tal pergunta é a nossa maior preocupação atual.

Resposta e temores se arraigam na desconfiança do homem, prova de que tememos a nós mesmos. Perdemos a fé na humanidade e olhamos um para o outro com suspeita dos atos humanos. Esquecemos que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus não só na forma física mas também na sua natureza.

Dentro de cada alma humana existem centelhas da Divindade, que apenas esperam pelo seu despertar. Para confirmar isto basta que nos recordemos das seguintes palavras de Deus: *"O homem tornou-se um de nós, para conhecer o bem e o mal."* (Gên. 3:22.)

No íntimo, todos nós preferimos usufruir da ternura amantíssima de Deus. Com recobrarmos a nossa fé em nós mesmos, desaparecerá o terror da bomba atômica.

O nosso temor se funda no fato de estarmos inclinados a esquecer Deus.

A fé inabalável em Deus destrói todo o temor

BA ATÔMICA

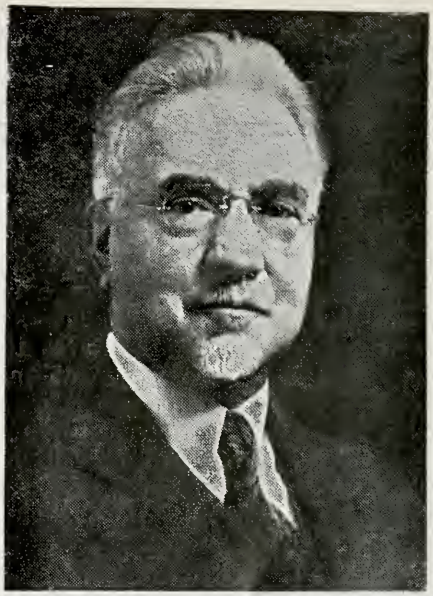
pelo *Elder John A. Widtsoe*
(Um apóstolo da Igreja)

m do
mo um símbolo da maldade do mundo.

Muitos de nós O aceitamos apenas como uma fôrça misteriosa, uma figura distante, que exige nossa devoção num só dia da semana e nêsse pode competir conosco numa partida de gôlfo ou de bola-ao-cesto. Não acreditamos que Êle esteja presente às nossas necessidades diárias e aos acontecimentos da nossa vida. Se isto é o que chamamos fé — esta não passa de uma coisa anêmica e inútil. Mas a verdade é que nada há de mais exato do que a existência de Deus no céu, que vigia todos os seus filhos e fiscaliza todos os seus atos. E' fato que êle permite que as coisas aconteçam, mas há limite para isto. O Seu trabalho na terra ainda não está completo, por isso Êle não permitirá que Seus filhos pereçam à mercê de qualquer descoberta ou invenção do homem. Uma fé integral e absoluta em Deus, bane todos os nossos temores.

Tanto o nosso como o vosso problema é o restabelecimento da fé em Deus e nos homens ante a bomba atômica: procurarmos reeducar-nos e regenerar-nos e orientar a nossa vontade no sentido de que a energia nuclear possa ser utilizada pela humanidade apenas em sentido construtivo.

A invenção da bomba atômica deve ser um regozijo para nós, em sentido pacífico, porque com a sua energia podemos libertar as energias do universo, competindo com os relâmpagos. O meio de contrabalançarmos o perigo é fortalecer-nos com a energia que o anule. O que nos trouxe de realmente útil tal invento foi o alertar-nos para que façamos uma



Elder John R. Widtsoe

revisão dos nossos ideais, dos nossos atos e da nossa fé.

A reeducação ou regeneração pela fé não é tarefa fácil, exige grande vontade, porque a mudança do mal para o bem, do êrro para a verdade, do ódio para o amor, significa uma batalha contra enormes fôrças em oposição. Essas batalhas serão muitas, contra sólidas mas falsas tradições, que escondem ou obscurecem as verdades eternas; outras, contra desejos mórbidos do corpo e do espírito, que conduzem a prazeres momentâneos ou a satisfações temporárias que se desviam das realidades espirituais.

O trabalho de regeneração mundial pela fé, deve começar no lar. Todo homem revive em espírito e ações os ensinamentos que lhe foram ministrados na infância. E' no lar que a fé é alimentada, ou ceifada a incredulidade. As gerações vindouras modelam-se nos lares de uma nação. Bom ou mau, o lar é insubstituível. A vida e a segurança na era da energia atômica, dependerão da

(Continua na pág. seguinte)

FÉ SOB A BOMBA ATÔMICA

(Continuação da pág. 195)

responsabilidade do lar em cumprir com suas obrigações. Que todos os lares da terra sejam fiéis a êsse dever — é a ordem que se impõe, clamorosamente, num mundo faminto de paz e sedento de aproveitamento das energias terrestres.

E' com inominável amargura que somos forçados a admitir que, nêsses tempos estranhos, muitos lares têm sido orientados pelo poder do mal, porque o seu propósito real é esquecido com freqüência pelos seus chefes. A família diminui pela limitação dos filhos e pela multiplicação de atividades supérfluas, de tal modo que chega a liquidar as funções naturais. Isto se torna particularmente perigoso diante da ameaça da bomba atômica.

Convenhamos em que é no lar que devem ser ensinadas as coisas mais importantes da vida: a fé em Deus, a fé em nós mesmos e nossa conduta diante dos nossos semelhantes. Devemos ter diàriamente um colóquio com o Criador porque isso aumentará a nossa confiança nÊle e criará em nós o desejo de amá-Lo. Com orações diárias, em família, cada membro ajoelhado adquirirá o hábito da comunicação com todos os poderes do mundo invisível a que são subservientes tanto a energia atômica como os demais poderes. O estar em contacto com o autor de tôdas as coisas contribui mais para mudar o coração dos homens do que todos os governos da terra, protegendo-o contra o mal e as fraquezas da terra. Aquêle que pensa em Deus e para Êle apela diàriamente não tem tempo para pensamentos destruidores.

Mas ninguém pode amar a Deus sem amar a Seus filhos e sem nêles confiar. Façamos que os lares pratiquem êsses princípios, falando bem de outros e ressaltando suas virtudes, porque os exemplos se multiplicarão.

Em qualquer parte que isto seja feito, o sol da boa-vontade o aquecerá, fatalmente, e o coração dos homens cobrirá de paz a terra. É com a prática de tais métodos por tais pessoas, que o uso da energia nuclear poderá ter fins apenas úteis.

A Escola, um dos fatôres principais da formação do lar, deve voltar suas vistas para essa grande luz. Deve treinar, corajosamente, os nossos filhos para a grande vida. Até agora, predomina no ensino, nos anos da infância e da mocidade dos nossos filhos, a explicação dos átomos, das constelações, das amebas e dos macacos, em detrimento da exigência de uma conduta reta perante os seus semelhantes e perante Deus. Só ocasionalmente êste dever precípuo é mencionado. E' para a ministração de ciências como as matemáticas e a geografia que se volta o interêsse dos homens, enquanto que a ética, para não falarmos em religião, que tem poder de retensão sôbre o mal, é relegada a plano inferior. Êste é o perigoso tabu que predomina em nossas escolas e que foi criado intencionalmente quando feito o acôrdo em nosso país segundo o qual a religião não seria ensinada nas escolas públicas. Por isso, nossas escolas estão

formando gerações de homens sem fé, que esquecem suas obrigações para com Deus.

O lar, em estreita ligação com a escola, poderia eliminar o mêdo dos corações dos homens e, em virtude do novo poder que o homem pode descobrir, estabelecer a paz na terra. Não podemos isentar a Igreja de pequena parcela de culpa nisto, porque poderia ter-nos propiciado coragem para enfrentarmos épocas como estas, ensinando a verdadeira dignidade humana, com um objetivo divino, porque somos filhos de Deus. Felizmente, o orgulho da ascendência tem salvado muitas almas de perambularem por caminhos proibidos.

Qual a nossa verdadeira relação com Deus? Diz-se habitual e acertadamente que somos filhos de Deus,

> *Nada há de mais certo do que o conhecimento de que Deus, no céu, vela por seus filhos na terra; e todos os nossos atos concernem a Êle*

criados à Sua imagem e semelhança, que, portanto, a Sua divindade permanece em nosso íntimo. Daí se conclui que, olhando para a nossa própria alma, para as respostas eternas, nós devemos ser mais do que simples figuras moldadas no barro; devemos ter muito da substância de Deus. Nossa história, por conseguinte, deve remontar a tempos tão inconcebíveis aos cérebros humanos, quanto a região da preexistência. Nossos corpos são feitos de pó, mas a sua essência é de Deus. Esta concepção explica a natureza divina do homem e modifica a visão que temos da vida. Como filhos de Deus, nos sentimos próximos dÊle e temos uma nova responsabilidade sôbre as nossas ações. Nossos trabalhos devem ser de caráter divino, porque de outro modo, desmentiremos a nossa origem divina. Assim fazendo, podemos olhar para a bomba atômica com olhos e coração limpos, sabendo o que fazer: usá-la como Deus a usaria, pois somos Seus filhos.

Por certo falhamos, porque não demos aos homens esforçados, que lutam com as profundas questões da alma, uma compreensão clara de seu destino, fazendo-os ver que viveremos após a morte e que então, possuiremos no outro mundo, em maior grau todos os poderes de que temos gozado na terra. E êstes serão usados numa existência infinita e progressiva. Se os usássemos devidamente na terra, graça por graça, passo por passo, aproximar-nos-iamos cada vez mais da semelhança de Deus, nosso pai. Foi para subirmos a estas alturas que tivemos início, embora obscuro. A cada ato bom que praticamos, recebemos uma promoção na escala dêsse destino, ao passo que cada ato mau, nos afasta dêle. O conhecimento do nosso destino regula o curso de nossa vida, na terra. Temos que guiar-nos em direção contrária a todo mal, conquistando, finalmente, a terra. Não ousemos impedir a nossa ascensão. Encontremos as respostas verdadeiras aos problemas da nossa vida, porque isto ajudará o nosso progresso.

Tudo isto pode ser dito numa única frase: aceitamos a palavra de Deus, como consta do Evangelho cristão, que transformará a tristeza em alegria, e a bomba atômica, em seu servo humilde e obediente.

Para êsse fim o lar e a escola devem cooperar mùtuamente. Dir-se-á não ser possível pôr isto em execução, por ser mero sonho, mas nós afirma-

(Conclui na III Capa)

SEJAMOS UM

(Continuação da pág. 191)

teria o mundo que veria em nós o exemplo brilhante destas qualidades, as quais demonstram êste domínio divino. Se nos lares dos Santos dos Últimos Dias, marido e espôsa estão em desarmonia, em vias de se divorciarem — isto demonstra sem dúvida, que ambos não estão guardando os mandamentos de Deus.

Se nós, em nossas defesas e em nossos ramos, estamos divididos é que há desarmonia — demonstração de que alguma coisa está errada. Se duas pessoas estão em discórdia, debatendo-se em diferentes pontos de doutrinas, não razoáveis, tratando-se de pessoas que pensam, diríamos que ambos estão emitindo opiniões diferentes pelo espírito do Senhor.

Um de nossos primeiros líderes da Igreja, aproximadamente há 100 anos, fêz uma referência a êste importante assunto, nestas palavras: "O mandamento "Sêde Um" abrange todos os outros mandamentos. Não há lei, estatuto, ordenança, convênio nem bênção que não fôsse instituido senão para fazer, de todos os Santos, sòmente UM. Êste é o objetivo do grande plano de Salvação." Por êle Jesus sofreu e morreu; por êle seus servos esforçaram-se trabalhando dia e noite neste mundo decaído; por êle tôda a fôrça do céu será exortada até Satanás ser vencido e a terra salva, e todos os habitantes honrados se tornarem Um.

Sendo a união tão importante como é, aliás, primordial, sejamos um povo unido, porque, do contrário, Satanás usará de seus princípios de fôrça desferindo-nos golpes com suas armas. Se há entre nós quem tenha idéia de apostasia, quem quer que seja, está sujeito ao ridículo e ao desprêzo que os nossos princípios de simplicidade e unidade lhe votarão devido à má vontade e ao desejo de cercear o nosso progresso.

Gostaríamos de que todos aquêles que são nossos inimigos, qual doentes, permanecessem à espera do remédio — os nossos princípios.

O Senhor nos deu um plano, um plano triplicado pelo qual esta unidade pode ser totalmente realizada. O centro da unidade é o céu, se não, vejamos as palavras do Mestre: Pai, que possamos ser sòmente um." Os Santos devem tornar-se um, como o Pai e o Filho, espiritualmente unigênito. pelo batismo e através do Espírito Santo, verdadeiramente, para renovação de seus corpos como o Senhor nos disse: "*E assim sendo êles se tornarão filhos de Moisés e a semente de Abraão e a Igreja, reino, e, eleitos de Deus, então adeptos da Sagrada Família da Igreja e do reino de Deus — a Igreja do Primogênito.*"

Além dessas ordenanças pelas quais podemos ligar-nos ao Pai e ao Filho, Êle nos forneceu os sãos princípios pelos quais Seus santos poderão aperfeiçoar-se realizando a unidade.

O Senhor, finalmente, deu-nos um princípio de regeneração através do qual as autoridades apontariam e ensinariam suas leis e administrariam suas ordenanças revelando sua vontade. Quando a Igreja foi organizada Êle fêz êste princípio bem claro aos santos. (Ver D&C 21:4, 6.)

Um ano mais tarde o Senhor expressou a mesma coisa nestas palavras: "*Do que Eu o Senhor disse,*

não Me desculpo; quer pela Minha própria palavra, quer pela de Meus servos, o seu valor é o mesmo. (Ibd. 1:38).

Esta é uma doutrina, não só para aquêles que não são membros da Igreja, como para os que o são, e que têm fé e podem pensar. Gostaríamos porém de lembrar que pregamos uma doutrina certa, quando dizemos que esta é a Igreja de Jesus Cristo—a única e verdadeira sôbre a face da terra. Não poderia ser a Igreja de Cristo, se não se baseasse nos princípios definidos e revelações dadas através dos profetas do Senhor.

Podemos pois atestar sua unidade como Santo dos Últimos Dias? Tendes vós recebido testemunho do espírito para vossas almas, testificando que é a verdade? Sabeis vós que êstes são a Igreja e o Reino de Deus? Que recebestes pelo batismo, e pela imposição das mãos, a fôrça do Espírito Santo pelas quais a unidade do testemunho pode ser conseguida? Tendes um testemunho em vossa alma?

Podemos fazer-vos outra pergunta: Aperfeiçoais vossas vidas cada dia, vivendo os princípios e ordenanças do Evangelho pelos quais chegareis a conseguir tôdas as coisas? Finalmente, acreditais que êstes homens os quais têm organizado as conferências são os homens através dos quais está aberta a via de comunicação com o Pai Celestial? Acreditais no que Enos, o neto do grande profeta Lehi, declarou quando escreveu: "*E enquanto estava assim lutando em espírito, eis que a voz do Senhor veio novamente à minha mente e disse:* (Ver Enos 1:10) *Acreditais que a voz do Senhor veio à mente dêsse homem? Acreditais no que disse o Senhor?* (Ver D&C 68:4)

Concede-nos, Tu, ó Deus, a fôrça de vivermos unidos com os Santos, vivermos os princípios do Evangelho, ouvirmos os nossos líderes que são dirigidos pelo nosso Pai Celestial, a fim de que Suas bênçãos possam recair sôbre esta Igreja, nós Te suplicamos humildemente em nome do Senhor, Jesus Cristo, Amém.

HISTóRIA

(Continuação da pág. 189)

do-o ao seu filho Morôni para que êste lhe acrescentasse o que julgasse conveniente e depois o escondesse debaixo da terra. Foi êste resumo que Morôni revelou a Joseph Smith, em 1823, e que, finalmente, em 1827, lhe foi entregue.

Entre as coisas que Morôni acrescentou no livro de ouro, a êle confiado por seu pai, está o resumo do livro de Ether. E' esta a história:

Mais de 1.000 anos antes da chegada dos Lehitas às praias da terra hoje conhecida por América, aí havia chegado, da região da Tôrre de Babel, uma pequena colônia de Jareditas, nome tirado de um dos seus chefes, Jared. Êste povo, também sob proteção divina, alcançou o Continente Americano, onde se tornou civilizado. Sabia ler e escrever, cultivar a terra, fundir metal e fazer construções de madeira e cimento. Tinham uma Igreja e através dos profetas e videntes era agraciado com revelações de poder divino. Um dos seus profetas, o primeiro e maior, era o irmão de Jared, cujo nome era Moriancumer. Numa série de lutas em que os Jareditas se exterminaram uns aos outros, apenas um homem restou para contar a história. Exposições da doutrina achamse intercaladas nestas duas narrativas. Quase tôdas as principais idéias encontradas na Bíblia constam do Livro de Mórmon, acontecendo apenas que nêste são descritas de forma mais simples e clara. O espírito do Livro é igualmente intenso, fervoroso e tão sublime quanto o das Escrituras Hebraicas. E é também de moral elevadíssima.

(Continua no número seguinte)

MISSIONÁRIOS DO DISTRITO

As responsabilidades dos missionários dos distritos são quase idênticas às dos missionários regulares. A única diferença é que dedicam menos tempo ao serviço missionário.

Tendo outros trabalhos e ocupações, êles não podem dedicar-se inteiramente à obra, como os missionários regulares. Por isso, dão duas ou três noites por semana, a fim de espalhar o Evangelho de Jesus Cristo e a restauração da Igreja nestes últimos dias.

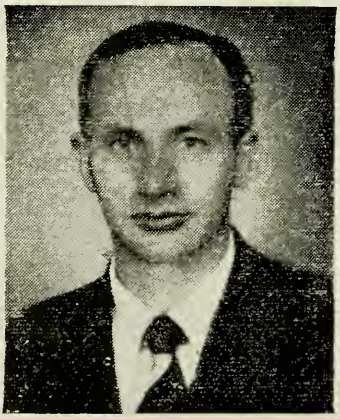
Êsses missionários estudam o Evangelho, a fim de encontrar um meio mais fácil de explicar ao povo os seus ensinamentos. Êles têm um testemunho de que Jesus é o Cristo, que viveu e morreu por nós, ressuscitando, em seguida, com um corpo imortal. Sabem que Cristo falou, atualmente, aos profetas e com êles andou, e deixou princípios e ordenanças a fim de que todos os filhos de Deus pudessem alcançar a vida eterna. São os seguintes, os princípios: 1) *Fé no Senhor Jesus Cristo;* 2) *Arrependimento;* 3) *Batismo por imersão para remissão dos pecados;* 4) *Imposição das mãos para o dom do Espírito Santo.*

Sabem ainda que Deus falou novamente ao povo aqui na terra; que Joseph Smith foi um profeta como qualquer outro da Bíblia; e que o Livro de Mórmon é um verdadeiro registo das palavras de Deus aos habitantes da América, há muitos séculos atrás.

Êles testemunham a todos, não por palavras, mas pela sinceridade de seus corações. E, muitas vêzes, êste sentimento os transforma de tal maneira que os ouvintes desejam segui-los e imitá-los.

Outro dever dos missionários é fazer um relatório completo de todo seu trabalho e enviá-lo à casa da missão.

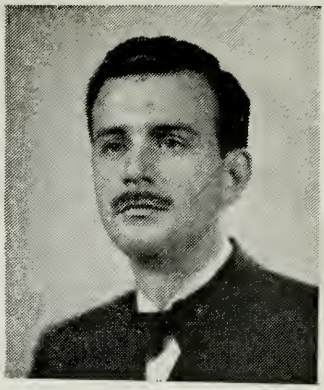
Todos êsses deveres e responsabilidades são muito grandes e importantes porque os missionários estão trabalhando no serviço do Senhor e são observados pelo povo entre o qual trabalham.



Georg Franz Lippelt
São Paulo
Desobrigado em agôsto

Maria Augusta Almeida
Campinas

Dorothea Elisabeth Cheffer
Rio de Janeiro, D. F.

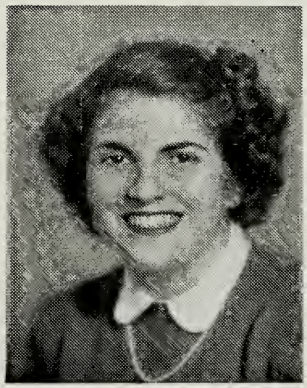


José Esteves Fernandes
Santos

Dori Caverni
Campinas

Isa Marques da Costa
Rio de Janeiro, D. F.

Isabel Xriso Baroni
Rio de Janeiro, D. F.



Suzana Andrade
Campinas

O RUMO DOS RAMOS

SÃO PAULO

O Baile AURI-VERDE é um baile ansiosamente esperado e preparado pela juventude de nossa Igreja.

Quantas horas por dia trabalhamos ou pensamos nesse baile? Quantas horas ou dias despendemos à procura de um salão, bonito e conforme às nossas posses?

Finalmente encontrado um salão, falta algo importante e difícil — uma ORQUESTRA... Esta é ótima, porém, está muito acima de nosso orçamento... essa está dentro de orçamento, mas não é boa... e aquela serve, porém não pode atender-nos porque já tem outro compromisso...

E assim passam-se dias e semanas até que, depois de muita procura, discussões e arranjos, encontra-se algo que, embora não seja exatamente o que almejáramos, é o que mais se aproxima de nossos ideais.

Em seguida, vem a venda de convites, a ornamentação da sala, a escolha da rainha e suas princesas e, finalmente, chega o grande dia!

Se alguém assistiu ao baile Auri-Verde, em qualquer outro ramo da Igreja, pôde verificar que havia aqui o mesmo ambiente que lá deixou. A mesma alegria, a mesma animação, o mesmo sorriso em todos os rostos.

O salão grande e bonito, estava artìsticamente ornamentado. Em tôdas as mesas que o rodeavam, havia flôres e tôdas elas foram ocupadas por famílias de membros e amigos.

Os pares dançavam animadamente, ao compasso de valsas, sambas, foxes e rumbas, irradiando juventude e alegria.

A certa hora, foi interrompida a orquestra a fim de ser coroada a rainha da A.M.M. — Vanda Gianetti — que muito tem ajudado e cooperado com essa associação.

Duas interessantes princesas ladeavam a jovem rainha, que foi coroada por sua antecessora no trono. Durante a coroação, um número musical foi interpretado por Wilma Penna, que enlevou a todos com sua bonita voz de soprano.

Encerrando o ato, a orquestra executou a valsa que deveria ser dançada pela rainha e suas princesas: Haydée Hubert e Dilma Furtado.

Foram horas agradáveis, as que ali passamos, e o baile correspondeu à expectativa de todos, compensando plenamente os trabalhos e preocupações anteriores.

PERDIZES

(Era para o mês de agôsto mas "A GAIVOTA" perdeu o artigo.)

A meta foi alcançada! Cristina Gouveia, um dos mais ativos e ambiciosos investigadores de Perdizes, confirmou a sentença: "Três metros de fazenda podem ser tecidos para a Igreja em uma semana."

No dia 24 de julho, uma linda peça de lã, em alegres tons de vermelho, branco e azul, foi retirada do tear de D. Cristina e está agora pronta para ser vendida.

São as seguintes, suas palavras para todos os tecedores: "É interessante, fácil e simples. E quando vocês pegarem o jeito, então poderão trabalhar com extrema rapidez.

Outra que não será fàcilmente sobrepujada, é um de nossos mais prósperos membros — Lys Albuquerque — que também completou seus três metros de tecido, vendeu três "Doutrinas e Convênios" e está tentando vender o quarto. "Mais um", diz ela e vai-se embora, carregando mais um livro que logo será vendido.

Se você ainda não tem o seu "Doutrinas e Convênios", avise-nos com urgência e veremos o que é possível fazer para ajudá-lo.

AGÔSTO EM PERDIZES

Com cinco teares trabalhando e produzindo lã, Perdizes pretende agasalhar e aquecer o mundo inteiro.

Margarida Frussa e Orlando Cunha afirmam que se divertiram imensamente no baile Auri-Verde, realizado no dia 18 de agôsto último e dizem àqueles que lá não compareceram: "Foi uma pena vocês faltarem, pois o baile estêve realmente maravilhoso!"

Gláucia está novamente em São Paulo e, ansiosa pelo crescimento de seu ramo, logo reiniciou uma série de atividades. Seu rostinho risonho e suas mãos talentosas deixaram-nos saudades, durante as férias que passou no Rio.

No dia 29 de agôsto, tivemos a despedida de Sílvio Franco, um membro que se mudara para Sorocaba e está agora, a caminho dos EE.UU., onde pretende fixar residência. Todos participamos de sua alegria, desejando-lhe muito boa sorte e recomendando-lhe que tenha sempre presente o nome do Senhor e guarde Seus mandamentos.

As aulas de inglês não foram suspensas, em Perdizes. Se alguém perdeu alalgumas lições e deseja freqüentar novamente nossas aulas, deve telefonar para 51-7134 e chamar o Elder Cotant, que dará todos os detalhes sôbre o curso. E se por acaso algum de vocês conhecer um bom lugar, onde possamos lecionar inglês, por favor, telefone para o mesmo número e avise-nos a respeito.

Até breve a todos, com nosso refrão: "Vê-lo-emos na Igreja."

RIO CLARO

Saudações do mais novo ramo da missão, aos leitores de "A GAIVOTA".

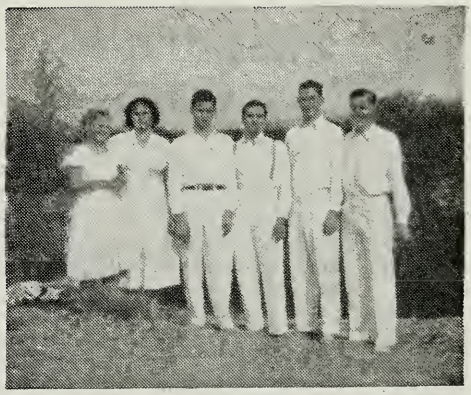
Os missionários já estão trabalhando aqui há pouco mais de três meses e por isso cremos que já é tempo de enviar ao resto da missão algumas notícias sôbre a "Cidade Azul".

No dia 13 de agôsto último, quase três meses depois da chegada dos missionários, realizou-se no salão da Filarmônica uma conferência que teve grande êxito. A essa conferência compareceram o Presidente da missão, Irmã Howells e o Elder Barwick Jr., de São Paulo, além de um grupo de membros e missionários de Campinas e cêrca de 135 rioclarenses amigos da Igreja.

Os oradores da tarde foram o Elder Barwick Jr., o Irmão Cláudio Martins dos Santos, de Campinas e o Presidente Rulon S. Howells. Infelizmente, a Irmã Howells, estando muito resfriada, não pôde cantar, o que causou constrangimento geral. Mas o grupo de Campinas ofereceu um solo executado pelo Irmão Cláudio e dois números, pelo quarteto Noêmi Godói, Maria Augusta de Almeida, Renato Weffort e Mário Gonçalves. Sob todos os pontos de vista, a conferência foi ótima e muito bem recebida pelo auditório. Grande número de folhetos foi distribuído e várias "Doutrinas e Convênios", vendidos.

Esperamos muito em breve alugar um salão a fim de que possamos realizar nossas reuniões regulares e levar avante o bom trabalho iniciado com a conferência. Enquanto isso, o trabalho missionário continua bem e com grandes perspectivas para um futuro próximo.

PONTA GROSSA



O ramo de Ponta Grossa começa a ver os frutos de seu trabalho.

No dia 27 de agôsto de 1950, domingo,

(Conclui na pág. 204)

Elder Fredrick D. Wald

A Avalanche e a Calúnia

por *Agnes Franz*

Ismênia, em companhia de seu pai, escalara os Alpes. Ela estava parada numa encosta coberta de neve, contemplando o maravilhoso aspecto daquela paisagem, quando de súbito, um estrondo estranho se fêz ouvir. O guia assustado, empurrava os viajantes para trás, onde uma rocha saliente lhes ofereceu abrigo e segurança. Nesse momento uma avalanche de neve rolou por cima de suas cabeças, levando uma massa de gêlo, cujo volume cada vez mais aumentava, carregando pedras e árvores cujos destroços se precipitaram espalhando o terror e a morte.

— Estamos salvos, — exclamou o pai de Ismênia — estendendo as mãos ao guia em sinal de gratidão.

— Deus seja louvado — acrescentou — Ismênia, agarrando-se ao braço do pai — exclamando: parece tão insignificante mas é tão destruidora! Quem poderia imaginar que aquêle ruído que ouvimos pudesse trazer-nos destruição e morte?!

— Sim, minha filha, é verdade. Parece-me, no entanto, que a natureza nos mostrou êste quadro importante com sábio propósito. Como essa avalanche, há muita cousa em nossa vida, que nos parece insignificante e inofensiva, mas que acaba espalhando desgraça e terror. Assim são, por exemplo, as palavras precipitadas, a calúnia e as expressões malignas.

Um punhado de neve, — pensa o viajante — vendo a avalanche ao seu derredor, aumentando de volume, de penhasco para penhasco, carregando rochas que, finalmente, vão atingir os vales e destruir os lares pacíficos dos aldeões. O mesmo acontece com certos boatos que parecem inócuos; porque a palavra maligna, corre de bôca em bôca e vai avolumando a história, incessantemente, a ponto de arruiná-la e, com isso, o bom nome do nosso próximo. Comovida, a pequena Ismênia ouvia esta comparação, lembrando-se das palavras malignas e boatos prejudiciais que ela ajudara a espalhar e, profundamente arrependida, prometeu a si mesma agir com mais prudência, no futuro. O perigo em que se achara tivera o condão de modificar a sua alma e, assim, as palavras instrutivas de seu pai foram semeadas em terra fértil.